
AS BANDEIRAS IGNORAM O TRATADO DE
TORDESILHAS E AMPLIAM
O ESPAÇO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Max Justo Guedes

AS BANDEIRAS IGNORAM O TRATADO DE
TORDESILHAS E AMPLIAM
O ESPAÇO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Distingue tempora et concordabis iura.

Introdução

Para o perfeito entendimento do tema a ser cuidado neste trabalho, faz-se indispensável, uma vez mais, a lembrança de que o Tratado de Tordesilhas fixou a fronteira oeste do Brasil antes mesmo do seu Descobrimento. Se obedecida a letra do célebre acordo, teria ele hoje subtraídos de sua superfície uns seis milhões de quilômetros quadrados e ficaria reduzido a bem menos de um terço do atual território.

Múltiplas foram as motivações e ações que levaram os luso-brasileiros, nos séculos XVII e XVIII, notadamente, a burlarem a raia manietadora para assegurar a posse de território teoricamente de jurisdição castelhana. Descontadas ou esquecidas tais motivações, as invasões foram plenamente justificadas, pois, desde o século XVI, os espanhóis, no Oriente, haviam-se apossado de ilhas e até arquipélagos posicionados no hemisfério lusitano; isto foi expressamente escrito por Tomé de Sousa quando considerou, em contrapartida, a cidade de Assunção localizada em terras da Coroa portuguesa: «Parece-nos a todos que esta povoação está na demarcação de V. A. e se Castela isto negar mal pode provar que é Maluco [as Ilhas Molucas, reivindicadas pelos espanhóis] seu» (1). Foge ao nosso propósito insistir nas falsificações cartográficas que se originaram nas reivindicações que deixariam nossas fronteiras sem demarcações até dias bem próximos. Como curiosidade, apenas, observemos o desenho do Brasil numa carta

(1) CARTA de Tomé de Sousa a D. João III, Salvador, 1.º de Junho de 1553. In: DIAS, Carlos Malheiro. *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto: Litographia nacional, 1924. v. 3. p. 364-6.

Original encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, gav. 18, m. 8, p.º 9.

atlântica de 1726, desenhada por Manuel dos Santos Rapozo em «Lisboa Ocidental»; nela, boa parcela do território hoje uruguaio e a foz do Rio da Prata estão na mesma longitude de Belém (Pará) próximo à qual sabidamente, passava o marco tordesilhano. Isto não obstante haver sido elaborada após a célebre dissertação do maior geógrafo da época, Guillaume Delisle, «Determination Geografique de la situation et de l'étendue des diferentes parties de la Terre», apresentada à Academia Real das Ciências (Paris) em 24 de novembro de 1720 ⁽²⁾, na qual e no mapa-múndi que a acompanhava (impresso em 1722), a linha de Tordesilhas cruzava o litoral riograndense, bem mais a leste, portanto, do que na carta de Manuel Rapozo ⁽³⁾.

Não é de admirar, assim, a suposição de Tomé de Sousa de estar a capital paraguaia «muito perto de São Vicente» e não dever passar de cem léguas a distância entre as duas povoações ⁽⁴⁾, estando os espanhóis usurpando terras portuguesas.

É sabido que a iniciativa da penetração territorial, feita embora sem qualquer caráter oficial ou reivindicatório, coube a Aleixo Garcia que, com alguns náufragos seus companheiros, partiu da atual costa paranaense e chegou às povoações incaicas dos contrafortes andinos, cerca de 1522 ou 1523. Embora sua proto-bandeira tenha sido, no retorno, dizimada pelos guaranis abriu passo para todas as mais que, a partir de então, se organizaram desde o nosso litoral sul.

São Vicente tornou-se, logo no seu início, mercado de escravos; tão cedo quanto 1528, Diogo Garcia de Moguer contratou com os portugueses Gonçalo da Costa, genro do famoso Bacharel de Cananéia, a compra ou o transporte, para a Península Ibérica, de avultado número de escravos indígenas que este e seus apaniguados, apoiados pelos aliados tupis, apresavam, a princípio nas regiões próximas ao porto paulista, mas, na seqüência,

(2) A dissertação de Delisle foi publicada na obra:

ALEXANDRE de Gusmão e o Tratado de Madrid. Documentos organizados e comentados por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1951, t. 1. parte 3. doc. 38. p. 206-21.

(3) Sobre a renovação dos estudos carto-geográficos em Portugal, veja-se:

Ibid., t. 1. parte 1. p. 273-91.

(4) *Op. cit.* na nota (2). p. 366.

Na realidade, a distância é bem superior ao dobro da imaginada pelo nosso primeiro governador-geral.

foram progressivamente ampliando estas atividades predatórias em direção ao Rio Paraná.

Fundada Assunção (1537) aumentou-se o comércio, passando os espanhóis ali residentes a serem, igualmente, fornecedores das *peças* indígenas, conforme os depoimentos insofismáveis de Utz Schmidl e Tomé de Sousa: «Achei que os de São Vicente se comunicavam muito com os castelhanos [de Assunção] e tanto que na alfândega de V. A. [D. João III] rendeu este ano cem cruzados de direitos das cousas que os castelhanos trazem a vender» (5). Buscando impedir a progressão espanhola, o governador proibiu terminantemente («com grandes penas») tal comunicação e fundou a Vila de Santo André, de molde a guardar o caminho utilizado (6).

Não pensava assim o governador paraguaio Domingos Irala que, além da já fundada Ontiveros (1554), determinou a criação de Ciudad Real (1557), esta no Rio Paraná, junto à foz do Pequeri; algo mais tarde, surgiu Vila Rica, no Ivaí, em pleno território hoje paranaense. No dizer de Rui Dias de Gusman (1608), eram «escala e passagem do caminho do Brasil» (7), evidenciando a tentativa castelhana de chegar, por aquela via, ao litoral brasileiro, sendo lógica a preocupação de Tomé de Sousa. Principiava a disputa pelos limites meridionais do Brasil que os portugueses queriam no Rio da Prata e os seus vizinhos não concediam além da Cananéia.

A Província Jesuítica do Paraguai

Fundada, pelos jesuítas, a casa de São Paulo de Piratininga (1554), logo Nóbrega verificou estar ali o «caminho mais certo e seguro para entrar nas gerações do sertão» das quais tinha boas informações: não comiam carne humana, as mulheres andavam cobertas e «em suas guerras com estes da costa» (os tupis) somente defendiam-se (8). O informante sobre estes silvícolas, certamente guaranis, foi Antonio Rodrigues, soldado português que participara da fundação de Buenos Aires e Assunção, ingres-

(5) *Op. cit.* na nota (1).

(6) *Op. cit.* na nota (1).

(7) DIAZ DE GUSMAN, Rui. *La Argentina* livro 3. cap. 3.

(8) PARA el-Rei D. João. In: NOBREGA, Manoel da. *Cartas do Brasil*: 1549-1560. Rio de Janeiro: Officina Industrial Gráfica, 1931. p. 144-5.

sando depois (1553) na Companhia de Jesus; coube-lhe incentivar Nóbrega a iniciar a catequese daquele gentio, que só não se deu (1555) por oposição do Provincial Luís da Grã, temeroso de enfraquecer a evangelização brasileira e de Tomé de Sousa, por razões semelhantes (9).

Fracassada nova tentativa, em 1568, pelas turbulências que grassavam entre os indígenas, duplamente pressionados por espanhóis e portugueses, a idéia vingou em 1584, já unidas as duas Coroas sob Felipe I: naquele ano, o Geral Aquaviva autorizou o Visitador Padre Cristóvão de Gouveia a enviar jesuítas para missionar no Paraguai; tal permissão coincidiu, conforme mostrou Jaime Cortesão, com a tentativa de incrementar o intercâmbio comercial entre Buenos Aires e Santa Fé com os portos brasileiros e o pedido, de lá partido, para o envio de padres para o bispado de Tucumã. À testa de ambas as iniciativas estava D. Francisco Vitória, titular da diocese de Tucumã, português de nascimento; a acolhida favorável das autoridades civis e religiosas da Bahia propiciou a partida de alguns jesuítas, sendo deles superior o Padre Leonardo Armínio. Assaltados os dois barcos em que viajavam por Withrington e Christopher Lister, corsários ingleses (10 e 11 de janeiro de 1587), foram despojados das mercadorias e obrigados a seguir na conserva dos apresadores até os 41° S e, só então, liberados, com apenas alguma farinha e cinco pipas de água, pelo que, com muitos sofrimentos e dificuldades de tripulantes e passageiros, alcançaram Buenos Aires e Córdoba de Tucumã (10).

Uma surpresa ali aguardava os religiosos: desde o início do ano a missão pertencia ao Peru e já nela estavam dois jesuítas de lá oriundos, Francisco Angulo e Alonzo Barzana. Insatisfeito, o Superior Armínio regressou ao Brasil, permanecendo apenas o português Ortega, o catalão Saloni e o irlandês Fillds que logo foram empregados na catequese e assistência aos índios e espanhóis da vasta província Paraná-Paraguai.

(9) Sobre o Padre Antonio Rodrigues e a sua experiência de soldado antes de ingressar na Companhia de Jesus veja-se:

LEITE, Serafim. *Páginas de história do Brasil*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1937. p. 117-22. (Série Brasileira, v. 93.)

Na seqüência, o historiador publica a carta do Irmão Antonio Rodrigues, São Vicente, 31 de maio de 1553, dirigida ao Colégio de Coimbra.

(10) CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951. p. 74-7.

GUEDES, Max Justo. Robert Withrington e Christopher Lister — Bahia (1587). In: HISTÓRIA naval brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975. v. 1. t. 2. p. 493-6.

Tão bem correu a atividade missionária que Aquaviva decidiu, em 1604, desmembrá-la do Peru, fazendo de Tucumã, Paraguai e Chile província independente. Foi designado para dirigí-la o Padre Diogo de Torres que reuniu, em 1607, a primeira Congregação Provincial e, no final de 1609, deu início às primeiras reduções no Guairá concretizadas em julho de 1610, nelas atuando logo os Padres José Cataldino e Simão Masseta ⁽¹¹⁾.

Esgotamento das Fontes Próximas

Naquele início do século XVII, crescia no Brasil a necessidade de mão-de-obra para atender à agroindústria do açúcar, em rápida e notável expansão. Se o comércio de africanos ía, aos poucos, sendo organizado e ganhando proporções, principalmente em razão da forte oposição que os padres jesuítas, desde o início de sua presença no Brasil, fizeram à escravização do gentio — veja-se o *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* (1556-7) e *Caso de Conscientia* (1557), ambos do Padre Manuel da Nóbrega — não era ele suficiente ou não dispunham os colonos de meios para dele servirem-se. O recurso continuou a ser o índio, trocado ou apresado em guerra justa ou, mas freqüentemente, provocada e até — este o caso das bandeiras — sem qualquer razão ou título ⁽¹²⁾.

Sabemos que a escravização do silvícola vinha dos primórdios da colonização; em São Paulo, que mais de perto nos interessa, João Ramalho e seus mamelucos foram poderosos abastecedores do litoral e Pero Correia (depois jesuíta) e Pascoal Fernandes grandes mercadores; o último possuía barco empregado no tráfico e abastecia-se na costa de Santa Catarina que, já em 1550, estava sendo despovoada pela ação predatória de paulistas e seus aliados tupis. Além deste rumo sul, marítimo, havia a penetração para o sudoeste, em direcção ao Guairá, campo de ação de numerosos

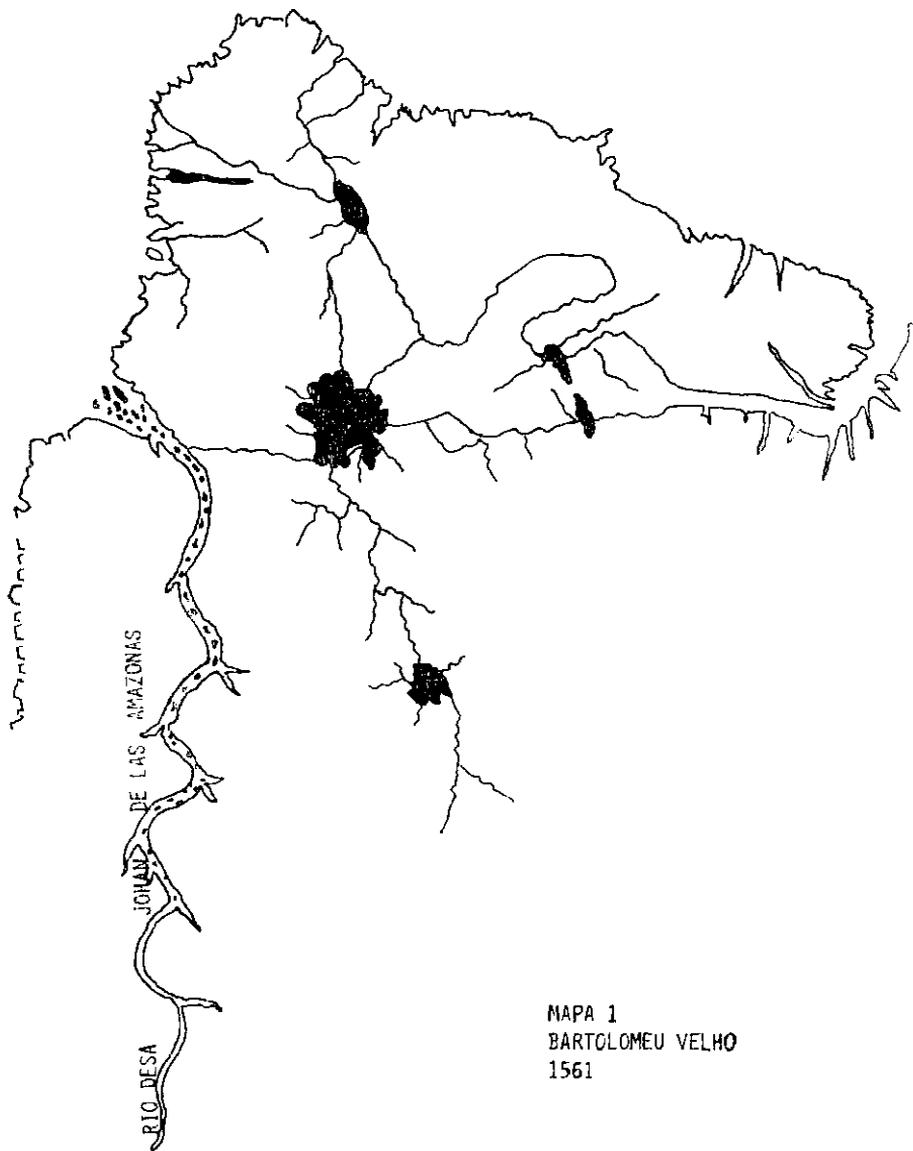
⁽¹¹⁾ CORTESÃO, *op. cit.* na nota ⁽⁶⁾. p. 77-80.

PORTO, Aurélio. *Historia das missões orientais do Uruguai*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954. parte 1. p. 26-32.

⁽¹²⁾ Sobre a posição dos jesuítas em face da escravatura negra veja:

LEITE, Serafím. A companhia de Jesus e os pretos no Brasil: *In: Novas páginas de historia do Brasil*, São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1965. p. 349-54.

capitães de entradas para a captura dos guaranis! A barrar-lhes o caminho foi erguida Ontiveros e, logo a seguir, conforme dito, Ciudad Real (1557). Coube ao grande cartógrafo Bartolomeu Velho (carta de 1561, mapa 1)



MAPA 1
BARTOLOMEU VELHO
1561

a informação sobre os primeiros conhecimentos geográficos da região, indicativa daquelas ações iniciais. Houve, é preciso não esquecer, a reação dos silvícolas do sertão, que forçou a célebre bandeira de 1561, da qual participou José de Anchieta e, igualmente, as ações destemidas do Capitão-Mor Jerônimo Leitão que, em 1575, destruiu toda a nação tamoia que, do Cabo Frio, ameaçava o Rio de Janeiro; dali passou ele aos vales do Tietê e Paranapanema e, já em 1581, descia cativos do Guairá.

Bem mais fácil — embora os perigos do mar — era o tráfico direto de Santa Catarina, razão do rápido deterioramento da região. Quando, em 1605, foram mandados missionar naquela costa os jesuítas João Lobato e Jerônimo Rodrigues, era lastimável a situação local; vale à pena ler-se, para conhecê-la, o relato de Rodrigues, após dois anos de tentativas de catequese, baseados os padres no «Porto de D. Rodrigo», isto é, Imbituba atual.

Desmotivados, metidos nos matos por temor dos brancos, sem qualquer higiene, vivendo em completa promiscuidade, com pais tomando filhas por mulheres, vendendo-se uns aos outros, sem olhar grau de parentesco, tudo o que viu lembrou ao Padre Rodrigues um dito de outro jesuíta famoso, o Padre Manuel de Paiva, fundador e primeiro superior de São Paulo: «Havia alguma [gente] que Deus Nosso Senhor fizera; outra que mandara fazer; e outra [finalmente] que deixara recado que se fizesse».

Grandes vendedores de índios eram o Murubixaba Tubarão e seus três ou quatro irmãos; para negociar com eles, que tinham suas malocas entre Araranguá e Mampituba, os barcos entravam na Laguna e dali mandavam informá-los para que, por seu intermédio, a notícia se espalhasse. A demora no ir e vir chegava até quatro meses, mas os resultados eram satisfatórios; no entanto o Padre Rodrigues assustava-se com o rápido despovoamento resultante: «Estes, daqui dos Patos, são já muito poucos e parece não durarão muito, conforme a pressa que os brancos lhes dão» (13).

A caça haveria que ser feita em outros territórios; o mais à mão por ser já conhecido e pelo acesso razoavelmente fácil, foi o Guairá, para onde, a partir especialmente de 1602, voltaram-se as bandeiras paulistas, seguindo o exemplo de Nicolau Barreto, um dos pioneiros; em 1611 ou 1612 Sebastião Preto dali retirou «por dávidas», cerca de 900 índios e Manuel Preto

(13) RODRIGUES, Jerônimo. A missão dos Carijós: 1605-1607. In: LEITE, Serafim. *Novas cartas jesuíticas*. São Paulo; Cia Ed. Nacional, 1940. p. 196-246. (Série Brasileira, v. 194.)

(o «herói do Guairá», nos anais bandeirantes) esteve na região repetidas vezes, sempre em busca de gentio.

Não admira, pois, o interesse jesuítico pelo Guairá, visando a salvar, não só as almas, mas igualmente, os corpos dos silvícolas.

As Reduções Jesuíticas

Criada em 1607, a Província Jesuítica do Paraguai (na realizada, Tucumã, Paraguai e Chile), logo sua ação missioneira tomara impulso em três direções principais, a partir de Assunção: 1) O Guairá, onde, conforme dito, achavam-se desde o final do século XVI; 2) O vale do rio Uruguai, a princípio na sua margem direita (1615) e, não muito depois, passando à banda oriental para, no impulso seguinte, penetrar no Tapes, até o vale do Jacuí, próximo à atual cidade de Rio Pardo; 3) O Itatim, isto é, a região sudoeste do Mato Grosso do Sul, lindeiro com o Paraguai.

Dentre os muitos e ilustres historiadores que se dedicaram à Epopéia das Bandeiras, apenas Jaime Cortesão claramente percebeu que aliada à catequese, estavam preocupações geopolíticas dos jesuítas de Assunção quando direcionaram aquela expansão: 1) impedir o avanço paulista em direção ao Guairá, que assumia proporções vantajadas; 2) comunicar-se, com o Peru, pela depressão continental que unia as nascentes do Rio Paraguai ao vale amazônico e, destarte, limitar a Ilha-Brasil ao que os bandeirantes já haviam avançado, isto é, o curso do Tocantins até o Amazonas ⁽¹⁴⁾ e, finalmente; 3) barrar a penetração paulista, com seus aliados *ibirajaras*, desde Laguna, Araranguá e Mampituba, vale do Jacuí adentro, em busca dos Tapes.

As Reduções do Guairá

Já vimos que, em julho de 1610, estavam fundadas, por ordem do Padre Torres, provincial, as primeiras reduções do Guairá, região que hoje

(14) Trata-se da bandeira de Antonio Pedroso de Alvarenga (?) 1615-1618 ou outra, imediatamente anterior, 1613-1614, da qual (ou quais) participou um certo Pedro Domingues, cujas narrativas foram recolhidas pelo Padre Antonio de Araujo na «Informação da entrada que se pode fazer da Vila de São Paulo ao Grão Pará» (1613). (*Op. cit.* na nota (?). p. 103-10).

Propôs então o Padre Araujo que se fundasse missão no Pará e, desde ali se pusessem os jesuítas de São Paulo com os que já trabalhavam no Maranhão.

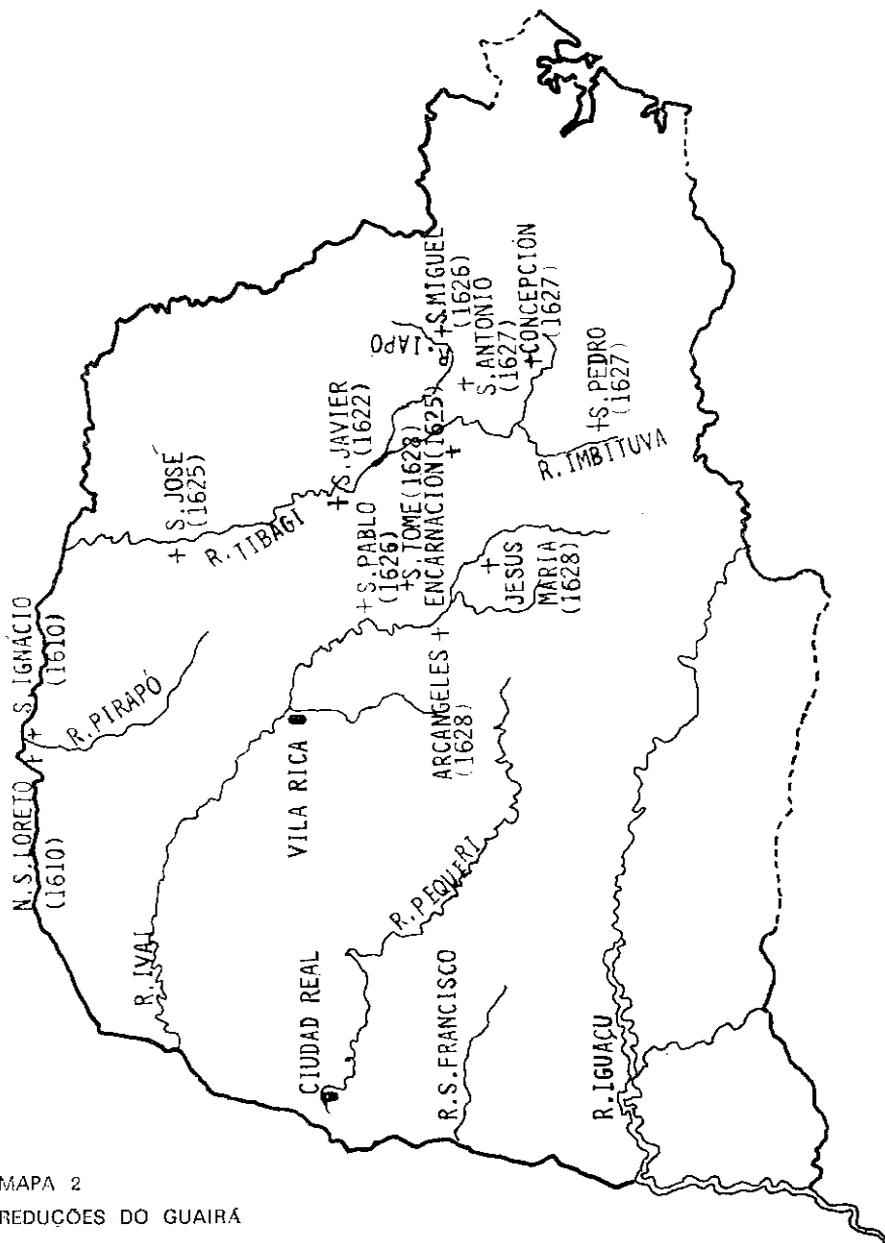
ocuparia boa parte do território paranaense e era, na época e a grosso modo, limitada ao norte pelo Rio Paranapanema, a oeste pelo Rio Paraná, ao sul, pelo Rio Iguazú e a les-sueste, pelo Rio Itararé e os campos gerais que, desde o curso médio deste rio até cerca de Guarapuava, cortam transversalmente o estado. Foram ela *N. S. de Loreto*, no Rio Paranapanema e *San Ignacio* no Rio Pirapó; ergueram-nas os Padres José Cataldino e Simão Masseta. Em 1612, a eles juntou-se o Padre Antonio Ruiz de Montoya, superior a partir de 1620. Com energia hercúlea, desenvolveu Montoya sobremaneira a província, criando numerosas reduções, mostradas no quadro 1. Em 1628, já totalizavam o número de 13 (Mapa 2).

Jaime Cortesão, sempre arguto, chamou a atenção para o fato de ao esforço maior nas fundações, anos de 1627/1628, terem os paulistas respondido com requerimento do procurador da Câmara de São Paulo para que os oficiais dela «avisassem o capitão-mor... de como os espanhóis de Vila Rica e outras povoações... se vinham apossando mais delas [das terras da Coroa de Portugal], descendo todo o gentio que está nesta Coroa

QUADRO 1

REDUÇÕES DO GUAIRÁ

INVOCAÇÃO	FUNDAÇÃO	LOCALIZAÇÃO APROXIMADA
N. S. de Loreto	1610	R. Paranapanema
San Ignacio	1610	R. Pirapó
San Javier	1622	S/afluente do médio Tibagi em <i>Tayati</i>
Encarnación	1625	Alto Tibagi (Território de <i>Nautingui</i>)
San José	1625	Entre os Rios Tibagi e Ivaí (Província de <i>Tucuti</i>)
San Miguel	1626	Ibiangui (ou <i>Ibitiruzu</i>)
San Pablo	1626	R. Ivaí (entre <i>Tayati</i> e <i>Tayoba</i>)
San António	1627	Ibiticoi
Concepción	1627	Nascentes no R. Tibagi (nos <i>Gulachos</i>)
San Pedro	1627	Idem
Arcangeles	1628	Alto Ivaí (em <i>Tayaoba</i>)
Jesus Maria	1628	Alto Ivaí (em <i>Guiravera</i>)
San Tome	1628	Entre San Pablo e Arcangeles



MAPA 2
REDUÇÕES DO GUAIRÁ

para seus repartimentos e serviços, de que resultava a esta capitania grande dano, pelo que de tudo avisassem ao dito capitão-mor por requerimento para se por cobro nisso», prometendo os ditos oficiais que alertariam ao capitão-mor e ao governador do Estado do Brasil ⁽¹⁵⁾. Estava dado o alarme.

A Bandeira de 1627

Mas não ficaram inativos os paulistas enquanto aguardavam providências de alto nível em resposta à sua solicitação. Já então preparavam-se Antonio Raposo Tavares e Paulo do Amaral para marchar com uma bandeira, no rumo do sertão.

Embora a ameaça holandesa que pairava sobre o litoral brasileiro, com crescente atuação de corsários, houvesse gerado ordem do capitão-mor de São Vicente para que estivessem prevenidas as milícias de São Paulo e não ocorresse gasto de pólvora, isto não impediu que no Guairá andassem bandeirantes ⁽¹⁶⁾, que Cortesão supõe terem sido Raposo e Amaral. Estiveram eles no médio e alto Tibagi, próximo as missões do *San Xavier e Encarnación*, situadas junto ao caminho natural das bandeiras que se dirigiam aos Campos Gerais, caminho que pode ser visto no esboço cartográfico do bandeirante Simão Bueno (c. 1747). Não houve ataque a qualquer das reduções, limitando-se os bandeirantes a interrogar indígenas para verificar se eram endoutrinados ou não, apresando apenas estes últimos; no entanto, em *Encarnación* o Padre Cristóvão de Mendonça «meteu medo aos inimigos, sobre os quais alcançou muito boas vitórias, colhendo boa quantidade de tupis e entre eles um muito principal e estimado, tanto dos índios quanto dos portugueses por sua valentia. Fez-lhes açoitar o padre... soube eu que foi tanto o clamor que a este índio principal fizeram em sua terra pelos açoites que lhe deram, que morreu de tristeza» ⁽¹⁷⁾.

⁽¹⁵⁾ ACTAS da Câmara da Vila de São Paulo, t. 3, p. 282-3, apud: CORTESÃO, Jaime. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Lisboa: Portugalia, Ed., 1966, p. 192-3.

⁽¹⁶⁾ CARTA Anua do Padre Antonio Ruiz, superior da Missão do Guairá ao Padre Nicolau Duran, provincial da Companhia. In: CORTESÃO, op. cit. na nota ⁽¹⁵⁾, p. 269-71 e 276-7.

⁽¹⁷⁾ *Ibid.*, p. 277-8.

Difícil é imaginar-se que homem da têmpera de Raposo Tavares se tenha intimidado ante indígenas reduzidos, embora portadores de armas de fogo. Mais provável é que uns poucos portugueses tenham liderado indígenas, em busca de informações sobre as novas reduções e sua localização.

Já agora sabia-se em São Paulo, com precisão, a localização das reduções que estorvavam o caminho dos bandeirantes, que prepararam-se para desfazê-las.

A Bandeira de Raposo Tavares (1628-1629)

Pertence ainda a Jaime Cortesão o melhor estudo factual sobre a poderosa bandeira que, em 1628, marchou contra o Guairá; combinando-o com as informações das duas *Relações dos Agravos* — redigidas pelos Padres Justo Mancilla e Simão Masseta, uma, no Rio de Janeiro, em junho de 1629, e a outra, na Bahia, em 10 de outubro do mesmo ano, narrando o ataque às reduções ⁽¹⁸⁾ é possível, com bastante aproximação, serem historiados os trágicos sucessos do Guairá.

Decidida a pôr cobro no que julgava ser usurpação territorial de terras da Coroa de Portugal e da Capitania de São Paulo e premida pela necessidade constante de mão-de-obra em todo o Estado do Brasil, bloqueado pela ação dos corsários batavos em nossa costa, reuniu-se em bandeira toda a gente principal da Vila de São Paulo e vizinhanças; «ficaram apenas [ali] 25 homens de guerra», afirmaram os jesuítas ⁽¹⁹⁾, havendo partido 900 portugueses (naturalmente, brancos e mamelucos) e 2200 tupis, naqueles incluídos juizes, vereadores, procurador do Conselho e, até mesmo, parentes do ouvidor.

Divididos os bandeirantes em quatro companhias — a primeira comandada pelo próprio Capitão-Mor da bandeira, Antonio Raposo Tavares — deixaram São Paulo no início de agosto de 1628 e, logo em 8 de setembro, ultrapassaram o Tibagi e foram acampar junto à redução da *Encarnación*, erguendo paliçada; de imediato Antonio Pedroso, que comandava a vanguarda de Raposo, capturou 17 índios da mesma, que colhiam erva mate na região.

Prevenidos já os jesuítas da aproximação da bandeira, o Padre Montoya reuniu mais de 1200 indígenas, que lhe foram suficientes para entrar na

⁽¹⁸⁾ CORTESÃO, *op. cit.* na nota ⁽¹⁰⁾. p. 310-38.

Cortesão publicou lado a lado, para cotejo, as duas versões.

⁽¹⁹⁾ CORTESÃO, *op. cit.* na nota ⁽¹⁰⁾. p. 311.

paliçada e recolher dali os cativos; uma das fontes informou ter morrido um branco e 40 tupis⁽²⁰⁾. Inferiorizado numericamente, Pedroso manteve-se na defensiva até a chegada do grosso da bandeira, quando a correlação de forças inverteu-se. É evidente que, com as intenções que traziam os bandeirantes e o mau início, não foram amistosos os contactos; no entanto, respeitaram os paulistas as reduções, embora continuassem a cativar índios não endoutrinados, até 30 de janeiro de 1629, quando houve o rompimento final. Motivou-o a deserção, para a redução de *San Antonio*, de um índio que acompanhava a coluna de Simão Álvares Martins, o ex-cacique da região chamado Tataurana e mais alguns da sua antiga aldeia. Fora «ganho por dádivas e festas que para este fim lhe havíamos feito», contam-nos os autores da *Relação de Agravos*.

Exigiram os paulistas a devolução dos fugitivos e como esta lhes foi negada, atacaram a redução, com permissão de Raposo Tavares, saqueando-a, incendiando-a, matando alguns e fazendo mais de 2000 cativos.

Mas não cessou o conflito, pois o padre superior de *San Antonio* e alguns gentios dela refugiaram-se em *San Miguel*, o que provocou novo assalto, dia 23 de março, comandado por Antonio Bicudo, sendo destruída a redução. Também Manuel Morato, na mesma época, arrasava *Jesus Maria*.

É evidente que apavoraram-se os catecúmenos das reduções próximas e, segundo a *Relação de Agravos*, desfizeram-se, ao menos momentaneamente, *Encarnación*, *San Pablo*, *Angeles* e *San Tomás*.

No seu regresso à Vila de São Paulo, com os numerosos cativos, foram os bandeirantes acompanhados por três jesuítas, entre eles Justo Mancilla e Simão Masseta, autores da *Relação de Agravos*, que narraram na mesma as crueldades praticadas, o que não é de se estranhar, pela rudeza conhecida dos bandeirantes e dos tempos em que os sucessos ocorreram.

No dia 1.º de maio, os jesuítas já estavam em São Paulo, onde ouviram dizer que só a companhia de Antonio Raposo Tavares, a que saqueara as reduções, trouxera 20 000 almas.

(20) Declaração do Governador do Paraguai D. Luis de Cespedes y Xeria, no processo contra eles movido pelos jesuítas, citada, entre outras, por:

Op. cit. na nota (15). p. 227.

A Destruição do Guairá

«Nos anos seguintes [aqui seguimos Jaime Cortesão] acabou-se a província jesuítica do Guairá. Documentação nova, parte da qual publicamos, mostra que essa obra de destruição coube principalmente a dois dos lugares-tenentes de Raposo Tavares: em 1630 André Fernandes destruiu mais duas reduções, uma das quais a de *São Paulo*; no ano seguinte, Paulo Amaral arrasou a de *São Xavier*. As restantes desfizeram-se. Em 1632, a própria povoação de Vila Rica foi sitiada pelos bandeirantes. Nesse ano, o bispo do Paraguai visitou a vila. Aproveitando o fato de terem os paulistas, forçados apenas pelo respeito a essa dignidade eclesiástica, afrouxado o cerco, os espanhóis embarcaram Paraná abaixo e abandonaram a povoação, exemplo mais tarde seguido pelos habitantes de Ciudad Real do Guairá, já quando os índios das últimas reduções intactas, as de *Loreto* e *Santo Ignácio*, haviam feito o mesmo. Merece lembrar-se, neste momento, que esses índios, ao baixar o Paraná, conduzidos pelo Pe. Montoya, encontraram o caminho vedado pelos moradores de Ciudad Real, que pretenderam aproveitar-se do ensejo, para aprisionar, por sua vez, os índios das reduções» (21).

As Reduções do Uruguai e Tapes

Coube ao Padre Roque González ampliar o trabalho missioneiro na direção do Rio Uruguai território até então sem qualquer presença espanhola; em 1619 estabeleceu ele a primeira redução da região, ainda à margem direção do Rio Uruguai território até então sem qualquer presença espanhola; dia 8 de dezembro.

Seis anos depois, vencida a oposição dos feiticeiros locais e convencidos os tapes da margem esquerda, pode ser criada *San Nicolas* (1626, Mapa 3) entre os rios Ijuí e Piratini já no território hoje brasileiro. *N. S. Da Candelária*, no Rio Ibicuí, cerca de 250 quilômetros da foz, foi a redução seguinte, erguida em 1627, mas logo destruída pelos silvícolas, com a retirada do padre.

(21) *Op. cit.* na nota (15), p. 237-8 e fonte ali citada.

QUADRO 2
 REDUÇÕES DO URUGUAI E TAPES

INVOCAÇÃO	FUNDAÇÃO	LOCALIZAÇÃO APROXIMADA
Concepción	1619	Margem direita do R. Uruguai (a 3 léguas dele)
San Nicolas	1626	Entre os R. Ijuí e Piratini
San Javier	1626	Margem esq. do R. Uruguai (ao sul da foz do Piratini)
Yapeyú	1626	?
Candelária del Ibicuí	1627	R. Ibicuí
Candelária del Piratini	1628	Entre os R. Ijuí e Piratini
Assunción del Ijuí	1628	R. Ijuí
Todos os Santos del Caaro	1628	28° 26' 01" S e 41' 56" W
Apostoles	1631	Cabeceiras do R. Ijuí Mirim
San Carlos	1631	Cabeceiras do R. Ijuí
San Miguel	1632	?
San Tomás	1632	No R. Ibicuí (Ibiacacuí)
San José	1632	No R. Ibicuí
Santa Teresa	1632 (?)	Cabeceiras do R. Jacuí (R. Passo Fundo)
Natividad	1633	Afluente do R. Jacuí
Santa Ana	1633	No R. Jacuí
San Joaquim	1633	Cabeceiras do R. Pardo
Santos Cosme e Damian	1633	No R. Ibicuí
San Cristobal	1634	No R. Pardo
Jesús Maria	1635	No R. Pardo

Ficou assim ameaçada diretamente «uma das portas da expansão portuguesa daquela região» (22) que vinha sendo conseguida mediante sólida aliança com o gentio ibirajara, inimigo ancestral e figadal dos tapes, agora catequizados e reduzidos pelos jesuítas; o choque, inevitável e lógico, não demorou a acontecer, porquanto os padres aproximavam-se rapidamente do mar e das zonas próximas à Laguna dos Patos — base dos negócios dos bandeirantes com os irmãos Tubarão, conforme já anterior-

(22) *Op cit.* na nota (15). p. 257.

mente mostrei — e, igualmente, do território ibirajara ao sul do Rio Mampituba.

Não era sem razão que o jesuíta Padre Taño já temia, em setembro de 1635, o confronto com estes silvícolas: «De sorte que, ao que parece, teremos toda a fronteira [a leste das reduções do Jacuí] contra nós», sendo habitantes desta fronteira, além daqueles ibirajaras, os guaybirenda, também aliados (ou *mus*) dos portugueses, isto é, dos paulistas, pois era por aquele patronímico que os padres se referiam aos bandeirantes (23).

A Nova Bandeira de Raposo Tavares (1636-1637)

Foi no final de 1635 que apareceram em São Paulo maiores e melhores informações sobre o avanço jesuíta no Tapes, cujo «resgate e trato» julgavam os paulistas ser exclusivo seu; vieram pelos componentes da chamada «bandeira de Aracambi» (24). A reação foi imediata e à testa da nova bandeira pôs-se também, Antonio Raposo Tavares, desde há dois anos ouvidor da Capitania de São Vicente, escolhido pelo donatário, Conde de Monsanto, é de supor-se em reconhecimento à atuação do bandeirante na defesa de território julgado a ela pertencente, o Guairá.

Formadas as companhias, uns 150 brancos ou mamelucos e 1500 tupis marcharam de São Paulo, no final de maio (ou início de junho) de 1636; após sete meses de marcha, quando foram apresando indígenas, entraram no atual Rio Grande do Sul atravessando o Rio Pelotas e, pela Vacaria, dirigiram-se ao Taquari, pois o objetivo era *Jesus Maria*, a mais oriental das reduções. No Corvo ergueram grandes paliçadas onde recolheram aqueles prisioneiros, vigiados pelo Capitão Diogo Coutinho de Melo, segundo no comando e por muitos tupis.

De há muito sabiam os jesuítas da vinda dos paulistas, pelo que iniciaram preparativos de defesa, mas subestimaram a mobilidade dos atacantes, pelo que, na tarde de 1.º de dezembro, tiveram ciência de que estes achavam-se a apenas duas léguas de *Jesus Maria*.

(23) *Op. cit.* na nota (15). p. 262.

As informações do Padre Taño aparecem em nota.

(24) *Op. cit.* na nota (15). p. 263.

Embora na redução houvessem uns 1700 matriculados, a maioria estava fora, procurando alimentos, pois a colheita ainda não se efetuara; uns 200 gentios, com suas mulheres e outros 100, vindos de *San Cristobal* e *Santa Ana* recolheram-se à cerca da redução.

Raposo Tavares, por carta, informou aos padres que vinha em paz e «por comida para seu exército», possível verdade, pois, àquela altura a bandeira já fizera milhares de cativos entre os indígenas ainda não catequizados.

A carta ficou sem resposta, pelo que a reação do bandeirante, como era seu hábito, foi violenta, embora tendo que enfrentar acirrada resistência de todos os da redução, que cessou ao ser incendiada a igreja.

Concentrariam os jesuítas suas forças na redução de *Santa Ana*, conseguindo ali reunir uns 1600 homens, mas enquanto o faziam, os bandeirantes atacaram, dia de Natal, a de *San Cristobal*, que também destruíram, em que pese nova resistência do gentio cristão dela.

Ante a ameaça em que ficou *Santa Ana*, os padres resolveram retirar-se para *Natividade* e ali aguardar novo ataque, o que não aconteceu, porquanto já conseguira Antonio Raposo Tavares seu intento de cativar muitos índios e conseguir provisões para o retorno a São Paulo, onde chegou em junho de 1637.

Novas Incursões Bandeirantes

Arrombada porta do Tapes e Uruguai pelos bandeirantes paulistas, eles não mais deixaram de importunar as reduções jesuíticas; logo em maio de 1637, partiu de São Paulo a bandeira de André Fernandes. No final do ano, depois de haver cativado muito gentio no caminho — quase o mesmo feito por Antonio Raposo Tavares — atacou e ocupou a redução de *Santa Teresa* e dali mandou suas tropas assolarem as reduções do Rio Ijuí: *San Carlos*, *Apostoles*, *Candelária* e *Caaro* foram seus alvos, após o que iniciaram a retirada, com vultosa presa, mas arcando com a excomunhão decretada contra muitos dos componentes da bandeira.

Não teve igual sucesso a bandeira seguinte, capitaneada por Fernão Dias Pais, chamada «Bandeira de Caacapá-Guaçú» (*Apostoles*), assim denominada porque ali foi estacionar parte da bandeira, depois de vários meses

de atividade predatória na região. Era a companhia de Pascoal Leite Pais, irmão de Fernão Dias Pais; no dia 17 de janeiro de 1639, atacou-a o Cacique D. Nicolau Nenguiru, matando vários paulistas e prendendo outros, levados cativos para o Paraguai e dali transferidos para Buenos Aires.

Outros insucessos sofreram os bandeirantes, como, por exemplo, a derrota de Mbororé. Já estavam então os indígenas das reduções adestrados no manejo de armas de fogo, afeitos a disciplina militar e bem comandados; não admira, assim, que tenham levado de vencida experimentados bandeirantes, então sob o comando de Jerônimo Pedroso de Barros, inflingindo-lhes contundente revés (março de 1641). Isto não evitou o êxodo incessante das populações indígenas para a margem direita do Rio Uruguai, estabelecendo-se novas reduções entre ele e o Rio Paraná, abandonando completamente o território hoje pertencente ao Rio Grande do Sul.

As Reduções do Itatim

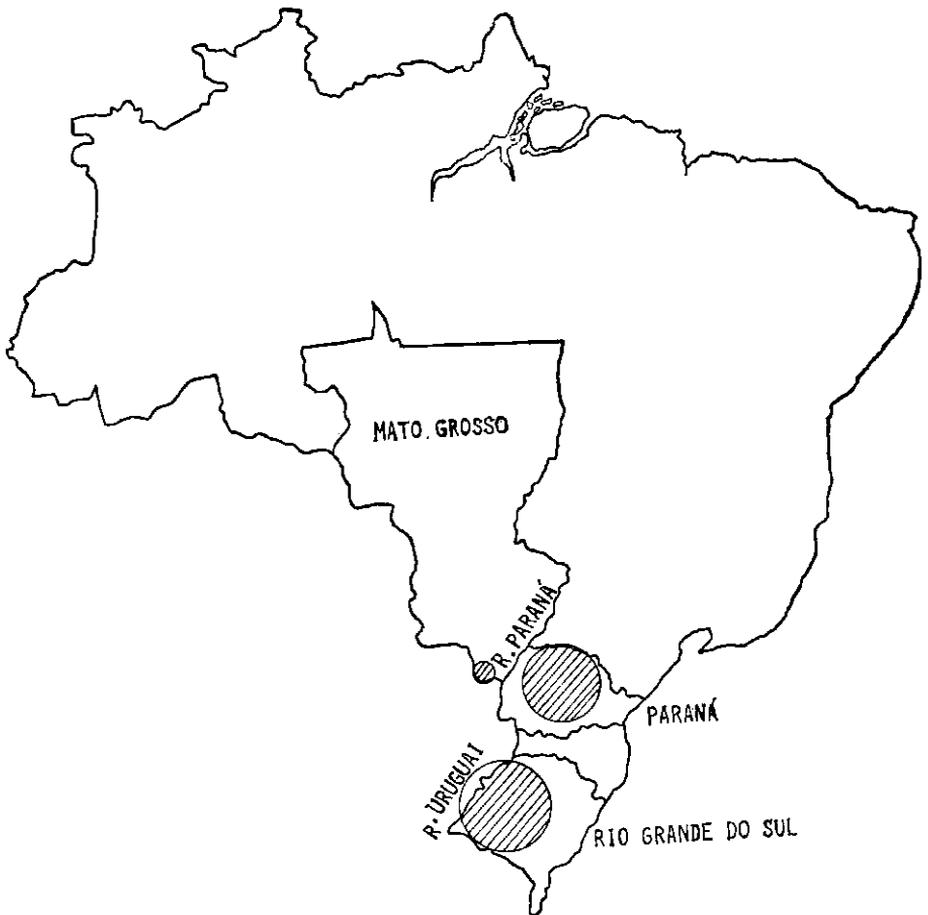
A ação missioneira no Itatim ⁽²⁵⁾, a exemplo do ocorrido no Tapes e no Uruguai, sofreu grande impulso com a destruição, pelos paulistas, das reduções do Guairá. Enquanto capitaneava a gigantesca e trágica migração dos indígenas que sobraram dos assaltos bandeirantes, encaminhou o Padre Antonio de Montoya alguns de seus companheiros àquele território, de há muito visado pelos jesuítas paraguaios, desejosos de estender sua ação até unirem-se aos companheiros que endoutrinavam na bacia amazônica (Mapa 4).

Logo em 1632 fundaram-se as quatro reduções que encabeçam o quadro 5 e mostradas no mapa 5.

Os Ataques Bandeirantes

Também esta região, consideravam-na os paulistas território privilegiado, pelo que não tardou fossem as novas reduções atacadas, no final

⁽²⁵⁾ Isto é, o território do atual Mato Grosso do Sul, genericamente compreendido entre o Rio Paraguai, o Rio Aquidauana e a Serra de Maracaju.



MAPA 4
MISSÕES JESUÍTICAS
ESPAÑHOLAS EM TERRI-
TÓRIO BRASILEIRO

daquele mesmo ano de 1632, pela bandeira de Ascenso de Quadros, diga-se que guiado e ajudado pelos espanhóis de Santiago de Xerez. Com muitos indígenas prisioneiros, a bandeira deve ter regressado a São Paulo no ano seguinte.

QUADRO 3
REDUÇÕES DO ITATIM

INVOCAÇÃO	FUNDAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
San José de Yacaroy	1632	} Proximidades dos Rios Miranda e Nabileque
Santos Angeles de Tacuahy	1632	
San Benito de Yatai	1632	
Natividade de N. S. de Taragui	1632	
Andirapuca } Tepoti } Yatebo	1635/34	F/R. Aquidabã F/R. Tepoti
Santa Maria de Fé } San Ignácio de Caaguazú }	1635/47	Taré Ao Sul do R. Apa
Santa Maria de Fé	1648	R. Mboyboy

Os indígenas que conseguiram escapar foram reunidos pelos jesuítas em duas novas reduções *Andirapuca* e *Tepoti*, mas a iminência de novos assaltos forçou serem as duas concentradas numa única, *Yatebo*, a meio caminho de ambas.

Parece que, tendo momentaneamente relaxado os bandeirantes sua pressão sobre o Itatim, voltados que estavam para o Tapes e Uruguai, os jesuítas, desejosos igualmente de afastarem-se de Assunção, onde era grande a cobiça pelos seus conversos, resolveram desdobrar *Yatebo*; surgiram *St.^a Maria de Fé*, no Taré e *San Ignácio de Caaguazú*, esta no território hoje paraguaio. Em 1648, a primeira destas reduções, já transferida para o «Rio Mboyboy» (por ter sido assaltada, no ano anterior, 8 de setembro, por uma bandeira paulista da qual pouco se sabe), foi novamente alvo dos bandeirantes.

Em 1.^o de novembro daquele ano, atacou-a Antonio Pereira de Azevedo, capitão de um destacamento da grande bandeira de Antonio Raposo Tavares — cognominada «bandeira dos limites» (1648-1651), ocasionando novo retraimento dos jesuítas para o interior do território paraguaio. Expulsaram, assim, os bandeirantes a última redução que teimava em permanecer em terras que eles incluíam na sua esfera de interesse.

Conclusões

Se a criação, por D. João III, ao longo do litoral brasileiro, das Capitânicas Hereditárias foi instrumento importante para resguardar boa parcela do nosso território da cobiça estrangeira, especialmente, por parte dos franceses, ela influenciou pouco no quebrar das algemas de Tordesilhas; entretanto, é preciso não esquecer que a rapidíssima expansão da agroindústria do açúcar em algumas delas pressionou a demanda de mão-de-obra. Se esta repercutiu (e muito) sobre o tráfico negro, não menor influência teve na caça ao índio.

Cérebro e coração das bandeiras, São Paulo estava em posição geográfica privilegiada para iniciá-las, quer pela estreita vinculação luso-tupi que prontamente ali surgiu, quer pelo seu afastamento do governo central, que permitiu relativa independência de ação e deixou-a afastada da cobiça direta dos holandeses, quando tentaram (e com sucesso conseguiram) apossar-se de substancial parcela do território nordestino.

Parcialmente coevas das invasões batavas foram as tentativas jesuíticas de fundar missões em territórios que os bandeirantes consideravam propriedade da Coroa portuguesa e naturais campos de ação seus na caça ao índio, objetivo constante que, sem olhar esforços ou sacrifícios físicos, continuamente perseguiram.

Primeiro no Guairá e no atual território paranaense, depois nos Tapes e todo o território da margem esquerda do Rio Uruguai e, finalmente, no Itatim, sul do Mato Grosso, implacavelmente lançaram-se sobre as reduções jesuíticas espanholas, obrigando-as a retraírem-se para territórios argentinos e paraguaios, única maneira de evitar a completa destruição.

O vazio resultante, embora bem a oeste da linha demarcatória de Tordesilhas, permitiu que desde o final do século XVII fossem surgindo ali assentamentos de luso-brasileiros.

Em Laguna, nas Minas Gerais, no Cuiabá, na Chapada de São Francisco Xavier (Mato Grosso) e no chamado Continente de São Pedro (Rio Grande do Sul) explodiram núcleos de colonização que garantiriam, na metade do século XVIII a invocação do *uti possidetis*, triunfo que o gênio

de Alexandre de Gusmão magistralmente usaria nas negociações do Tratado de Madri (1750). Não há pois, como negar a gigantesca influência das bandeiras na expansão luso-brasileira e no delinear dos limites do Brasil.

Max Justo Guedes